



(Des)controle entre a memória coletiva e a cultura digital

***Out of control between the collective
memory and digital culture.***

***Falta de control entre la memoria colectiva
y la cultura digital***

Amanda Saba Ruggiero

***Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo,
São Carlos, Brasil. amandaruggiero@usp.br***

Resumo

A memória coletiva é o elemento de coesão das comunidades em seus valores culturais, éticos, morais e materiais. A cultura digital, nos modos atuais, em intensa disseminação, aderência e propagação de seus meios nos hábitos cotidianos, intensifica cada vez mais a velocidade de consumo, o empobrecimento sensorial, a vigilância dos corpos e a aniquilação da experiência, em um contexto e celeridade sem precedentes. O (des)controle dos corpos e das subjetividades, colocam em risco a capacidade de imaginar outros possíveis futuros, fatalismo que coloca em evidência e ameaça a memória, abalando alicerces estruturadores para a sobrevivência de nossas sociedades.

Palavras-Chave: Memória Coletiva. Cultura digital. Descontrole. Apagamentos. Arte Contemporânea.

Resumen

La memoria colectiva es el elemento que mantiene unidas a las comunidades en sus valores culturales, éticos, morales y materiales. A cultura digital, nos modos atuais, em intensa disseminação, aderência e propagação de seus meios nos hábitos cotidianos, intensifica cada vez mais a velocidade de consumo, o empobrecimento sensorial, a vigilância dos corpos e a aniquilação da experiência, em um contexto e celeridade sin precedentes. El (des)control de cuerpos y subjetividades pone en riesgo la capacidad de imaginar otros futuros posibles, un fatalismo que pone en evidencia y amenaza la memoria, sacudiendo los cimientos estructurantes para la supervivencia de nuestras sociedades.

Palabras-Clave: Memoria Colectiva. Cultura Digital. Descontrole. Borrado. Arte Contemporaneo.

Abstract

Collective memory is the element that holds communities together in their cultural, ethical, moral, and material values. The contemporary Digital culture, its intense dissemination, adherence, and propagation in everyday habits, increasingly intensifies the speed of consumption, sensory impoverishment, surveillance of bodies and the annihilation of experience, in an unprecedented context and celerity. The (mis)control of our bodies and subjectivities put at risk the ability to imagine another possible future, a fatalism that highlights and threatens memory, shaking the structuring foundations for the survival of our societies.

Keywords: Collective Memory. Digital Culture. Out of control. Deletions. Contemporary Art.

INTRODUÇÃO

A memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro. Essa tese ganhou tal força que hoje, diante de uma sociedade e uma cultura em perpétua agitação, a cultura do movimento é apontada como o dado essencial da desagregação e da anomia. (SANTOS, 2017, p.329)

Cultura é uma das duas ou três palavras mais complicadas da língua inglesa, segundo o intelectual e crítico inglês Raymond Williams, a sua complexidade não está na palavra, mas nos problemas que as variações de uso indicam de maneira significativa ao longo do tempo. O termo do latim cultura deriva da raiz *colere*, que significa habitar, cultivar, proteger, honrar e cultuar. Na língua Inglesa esteve ligada ao cultivo da natureza até o século XV, passando para o sentido moderno “processo de desenvolvimento humano” a partir do séc. XVI. Nos séculos seguintes em países europeus como França e Alemanha, ampliou-se seu significado para *civilização*, inaugurando o sentido de dominação e elitização de uma classe. O grau de adaptação e metáfora de seu uso, e a extensão do processo específico ao geral, carregaram de modo abstrato seus sentidos. Para além da referência física e material (cultura de germes, cultura do trigo), Williams reconheceu três categorias amplas e ativas de seus usos: i. o substantivo independente e abstrato que *descreve um*

processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético. ii. um substantivo independente que *indica um modo particular de vida, povo, período, grupo* ou da humanidade em geral. iii. O terceiro sentido que *descreve as obras e práticas da atividade intelectual, e artística em particular*, talvez o sentido mais difundido: cultura é música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema. Este terceiro seria uma forma tardia e aplicada do primeiro. Williams chama atenção para o leque e a sobreposição de sentidos em diversas disciplinas, como na antropologia e arqueologia, em que o termo remete à produção material, enquanto na história e nos estudos culturais indica os sistemas de referências e significados simbólicos. A questão central está nas complexidades das relações e dos contrastes entre produção material e produção simbólica. E neste sentido, o artigo pretende debater e compreender os tensionamentos sem precedentes que enfrentam a memória coletiva e a atual cultura digital.¹

Da complexidade entre produção material e simbólica, novos componentes agregam-se ao que se pode identificar como *cultura digital*. Indagamos assim como os processos e procedimentos dos meios digitais interferem e modificam os usos, a elaboração e significados dos espaços e das imagens, em que medida as práticas e mecanismos que engendram seu funcionamento nos afeta? Elegeu-se como fio condutor para esta análise a conceituação de memória coletiva, defendida pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs (2006) como uma direção da consciência coletiva e individual, de modo que a imagem narra o sentido do indivíduo e de sua memória sempre relacionada ao seu meio social, relativizada pelos objetos e pessoas, pelos diversos grupos que vive e se insere; a memória está diretamente relacionada à esfera social que se compartilha cotidianamente. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos

¹ O tensionamento entre a memória e a cultura digital está indicado pela artista e Professora Giselle Beiguelman (2021, p. 140), em que associa as formas de produção da imagem em tempos atuais com o estatuto da memória. Por meio da overdose documental, o registro incessante do presente e a compulsão pelo arquivamento, como uma demanda ininterrupta das postagens e funcionamento das redes sociais, além da febre do consumo dos remakes, e do vintage, a memória torna-se "commodity de consumo", além disso autora alerta para o desenvolvimento das tecnologias de Inteligência artificial, ampliando a sede de consumo e a automação do convívio em imagens sucessivas, em que pouco se fixa ou sedimenta.

em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos.”
(HALBWACHS, 2006, p.30).

Um dos aspectos mais preocupantes da sociedade contemporânea é a imposição ao corpo humano de um modelo maquínico de duração e eficiência, onde prevalece a imposição de anseios ligados à aquisição, à acumulação e ao poder individual. O regime 24/7, em que estamos conectados 24 horas nos 7 dias da semana, discutido por Jonathan Crary² como um modelo não social, cujas consequências interrompem aspectos da vida humana a um custo elevado para sustentar sua eficácia. Há um leque de forças, movida pelo capital global, que valoriza o indivíduo constantemente envolvido, operando, interagindo, comunicando, reagindo ou processando em algum meio telemático.

A vivência recente do isolamento social na pandemia escancarou a dissolução das fronteiras entre tempo privado e profissional, trabalho e consumo, este regime de trabalho sem pausa e sem limites, alinha-se com o inanimado, com o inerte, ou com o que não envelhece. Além da acumulação de coisas, agora nossos corpos e identidades assimilam a superabundância de serviços, imagens, procedimentos e produtos químicos em nível tóxico, por vezes fatal. Em tal velocidade, ampliam-se ainda mais catástrofes ambientais e climáticas, dada exigência permanente de consumo de todas fontes e recursos naturais, além dos descartes ininterruptos de todas as escalas.

Se a memória coletiva é o cimento de uma sociedade, nas palavras de Milton Santos, pergunta-se onde estamos edificando nossos alicerces. Se a **velocidade de consumo, o empobrecimento sensorial, a vigilância dos corpos e a aniquilação da experiência** nos impedem de construir valores em pilares comunitários e colaborativos, como resgatar as possibilidades de ações políticas coletivas?

² Professor de arte moderna e teoria da arte na Universidade de Columbia, em Nova York nos Estados Unidos, foi aluno de Edward Said e Meyer Schapiro, tendo a formação da cultura visual como principal objeto de estudo. Autor dos títulos traduzido para o português: *Técnicas do observador-Visão e modernidade no século XIX* (contraponto, 2012) e *Suspensões da percepção – Atenção, espetáculo e cultura moderna* (Cosac Naify, 2013).

VELOCIDADE DE CONSUMO

Em meio a amnésia coletiva instigada pela cultura do capitalismo global, ininterrupto de novidades e cascatas de imagens, para usar o termo de Bruno Latour, as imagens se tornam um dos muitos elementos esvaziados e descartáveis, e por serem arquiváveis, não são jogadas fora, contribuindo para um presente cada vez mais congelado e sem futuro.

As imagens estão subordinadas a um campo extenso de operações e exigências não visuais, quando as mudanças mais recentes se relacionam não às formas mecanizadas de visualização, mas segundo Jonathan Crary, à desintegração da capacidade humana de ver, em especial, da habilidade de associar identificação visual e avaliações éticas e sociais.

A visão se incapacita por meio dos processos de homogeneização, redundância e aceleração. Assistimos a uma diminuição das capacidades mentais e perceptivas ao invés de sua expansão e modulação, como se acreditou. Importa identificar a redefinição da experiência e da percepção pelos ritmos, velocidades e formas de consumo acelerado e intensificado, em que somos incitados a um exercício banal de consumo ininterrupto, a um maior isolamento social e a impotência política.

Um fato consistente que liga a sucessão de produtos de consumo e serviços é o tempo e as atividades cada vez mais integradas aos parâmetros de intercâmbio eletrônico, as pesquisas e recursos financeiros estão dedicados, cada vez mais, a reduzir o tempo de tomadas de decisão, a eliminar o tempo inútil de reflexão e contemplação. Incidem enormes esforços financeiros em pesquisas sobre Inteligência Artificial, *machine learning*, treinamento de máquinas, para que um clique não demore. Ou seja, investe-se mais e mais em pesquisas e tecnologia, para que o consumo aumente, e os impulsos compulsivos de cliques se tornem produtos consumidos. Essa é a forma do progresso contemporâneo - a prisão e o controle implacável do tempo e da experiência.

VIGILÂNCIA DOS CORPOS

Nas cidades, bem como nos espaços públicos e privados, a presença cada vez maior e avançada de scanners e rastreadores, dispositivos de GPS, está fornecendo constantemente informações sobre o comportamento de modo geral, como hábitos, percursos e deslocamento dos indivíduos. Passiva e voluntariamente estamos colaborando para nossa própria vigilância e para coleta de nossos dados a todo momento, tanto no espaço físico como no ambiente digital.

Cada visita casual a uma página de internet pode ser minuciosamente analisada e quantificada em função de como o olho percorre, pausa, se move e dá mais atenção a algumas áreas em detrimento de outras. Os mesmos procedimentos se aplicam para o espaço urbano, além das câmeras de vigilância, gerando um infinito de imagens, a mobilidade e os deslocamentos estão mapeados por meio dos celulares, veículos, etiquetas com tecnologia de radiofrequência (RFID) em infinitas cartografias e dados gerados ininterruptamente.

A cidade não é apenas receptáculo dos olhares, mas é o vigilante ativo, operando como interface privilegiada das novas tecnologias de imagem. A realidade aumentada volta-se a suplementar o mundo físico com dados, enquanto a realidade expandida ou *X-reality* modifica o real a partir de instâncias digitais.

O uso de tecnologia e programas de reconhecimento facial em aplicativos como facebook e tik tok, são exemplos de que incorporamos a vigilância e o fornecimento de dados de modo automático, por vezes lúdico, sem qualquer intimidação moral ou ética, ou seja, é evidente a naturalização dos procedimentos ininterruptos da vigilância. E acima de tudo, contribuindo de forma automática e constante ao aprimoramento e sofisticação dos sistemas de *big data* e *datasets*³, cujos usos demonstram ter como finalidade o lucro acima de tudo, somos os olhos de nossa própria vigilância.

³ Big data é um processo de análise e interpretação de um conjunto de dados em volume e complexidade maiores fornecido por algoritmos mais velozes e volumosos. Os datasets são conjuntos organizados de dados, em geral são a base utilizada para o treinamento dos algoritmos e para fomentar bases de desenvolvimento de machine learning um dos pilares da Inteligência Artificial.

EMPOBRECIMENTO SENSORIAL

O ritmo acelerado do aprimoramento ou da reconfiguração de sistemas, modelos e plataformas é parte crucial da reinvenção do sujeito e da intensificação do controle. Segundo o historiador Jacques Le Goff, tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 2003, p.422)

Na cultura digital ou no capitalismo da vigilância, como cunhado pela economista Shoshana Zuboff (2021), a intensificação da produção de novidades incapacita a memória coletiva e significa que a criação de valores históricos não mais precisa ser imposta de um grupo para outro, ou de cima para baixo. As condições cotidianas de comunicação e acesso à informação garantem o apagamento sistemático do passado como parte da construção fantasmagórica do presente.

Fenômenos sociais aparentemente estáticos, ou cujo ritmo de mudança é lento, são marginalizados e destituídos de valor ou interesse. Deve-se evitar atividades nas quais o tempo despendido não pode ser alavancado por interfaces e seus links, ou nos dedicar apenas esporadicamente a elas. Há uma assimetria insuperável que degrada todo evento ou troca local. Sempre haverá online algo mais informativo, surpreendente, engraçado, divertido, impressionante do que qualquer outra coisa nas circunstâncias reais imediatas. Cada vez é mais comum encontrar jovens e adolescentes, idosos e crianças, conectados pelos olhos e mão, apertando obcecadamente seus celulares e navegando em aplicativos, em rodas de grupos aleatórias em locais variados, da sala de estar ao ponto de ônibus, em festas, lanchonetes e salas de espera.

ANIQUILAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Os valores atribuídos à memória no espaço urbano no século XX e XXI são questionados devido às dinâmicas anacrônicas digitais, nas quais o usuário transpõe

a linearidade de sua própria memória, construindo uma teia de lembranças volátil e fragmentada. Grande parte dos serviços como Instagram, facebook e tik tok baseiam-se em dinâmicas temporárias de exposição das imagens efêmeras, que alimentam o desejo de apreensão do presente. O modo como estas tecnologias operam e se cruzam transformam a paisagem urbana e o comportamento dos transeuntes, pois o mapeamento em tempo real e a exposição dos conteúdos alteram a percepção espacial e temporal da cidade.

Um dos efeitos perversos é a sincronização em massa da consciência e da memória, com a padronização de experiência em larga escala, que implica perda de identidade e da singularidade subjetiva, e conduz ao desaparecimento desastroso da participação e da criatividade de indivíduos na construção de símbolos que trocamos e compartilhamos entre nós.

Para Crary, o problema é a colonização sistêmica da experiência individual. A transformação da atenção em operações e respostas repetitivas que sempre se sobrepõem a atos de olhar e escutar. O que perpetua a segregação, o isolamento e a neutralização dos indivíduos são os arranjos compulsórios nos quais esses elementos são consumidos. O ato de ver é formado por camadas de opções ativas, escolhas e respostas simultâneas e ininterruptas. A perda é continuamente criada, já que imagens não se fixam, mas somente passam e deslizam, pouco se fixa e permanece enquanto memória e recordação, conseqüentemente uma memória atrofiada deixa de reconhecê-la como tal.

Assim muda a composição fundamental das narrativas de vida, em vez de uma seqüência convencional de lugares e eventos, associados à família ao trabalho e aos relacionamentos, o fio condutor principal de nossas histórias de vida agora são as mercadorias eletrônicas e serviços de mídia por meio dos quais toda experiência é filtrada, gravada e construída.

De acordo com Shoshana Zuboff, o capitalismo de vigilância precisa trabalhar com ambos os lados da equação. De um lado, suas tecnologias são projetadas para converter nossa experiência em dados. Isso costuma ocorrer sem a nossa consciência, muito menos o nosso consentimento. Do outro lado da equação, toda

vez que encontramos uma interface digital tornamos a nossa experiência passível de “datação”, portanto, “entregamos ao capitalismo de vigilância” a contribuição contínua de suprimento de matéria-prima.

A MEMÓRIA COLETIVA

Não se trata de coincidência a recorrência nos anos 1990, quando artistas, intelectuais e críticos se debruçaram sobre o tema da memória⁴. Para a historiadora Aleida Assmann, esta ocupação com a memória tem a ver com uma consciência entusiasta de tudo que foi perdido, com o potencial autodestrutivo da sociedade moderna, reiterado recentemente pelo aterrorizante ataque da Rússia contra a Ucrânia. Este sintoma reflete a situação fundamentalmente precária da memória na era da cultura de massa, com as técnicas eletrônicas de armazenamento e circulação citadas acima.

De acordo com Le Goff, a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. E assim, precisamos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (Le Goff, 2003, p.471)

CONSIDERAÇÕES

Nosso esforço deve ser o de buscar entender os mecanismos dessa nova solidariedade, fundada nos tempos lentos da metrópole e que desafia a perversidade difundida pelos tempos rápidos da competitividade.
(SANTOS, 1994, p.42)

Neste panorama vivenciado da cultura digital que rapidamente transforma e se incorpora ao cotidiano de cidades e de indivíduos indivíduos, das tarefas banais aos anseios e desejos, é preciso estar atento e alerta, compreender e explorar em análises e estudos aprofundados a produção da cidade e a sociedade atual, sem

⁴ Andreas Huyssen em seu livro Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia, inicia apontando o fenômeno da emergência da memória como preocupação cultural, desde os anos 1980, frente ao desejado futuro, recorrente na pauta da modernidade do séc.XX (2000,p.9).

reduzir, mas enfrentando as complexidades das relações e dos contrastes entre produção material e produção simbólica. Apesar das imposições dadas pelo capital de vigilância, é possível vislumbrar brechas, respiros e resistência, e criar modos para superar os obstáculos à imaginação coletiva de relações criativas entre tecnologia e realidade social.

No Filme Bacurau (2019), dirigido por Kleber Mendonça, explora-se a dualidade entre esses dois mundos, o universo digital entre conexões e redes, as relações verticais como nomeou Milton Santos, e a resistência de uma comunidade e seus laços de solidariedade, colaboração, resiliência e memória, em relações horizontais. Na pequena cidade fictícia no sertão brasileiro, drones vigiam e atacam seus habitantes, que coletivamente se organizam e reagem aos estrangeiros. Numa mistura fina entre ironia, drama, ficção científica e muita ação, ao final do filme, a cena dentro do pequeno e singelo museu da cidade de Bacurau, no duelo final uma emboscada os inimigos são mortos, e o sangue, testemunho material do combate, não é lavado das paredes, mas nelas mantido como registro histórico, numa metáfora sobre a memória coletiva, os registros materiais e simbólicos de uma comunidade, são os laços que fortalecem sua história e memória coletiva.

Para concluir, dois autores nos oferecem pistas ou caminhos que nos servem como referência para pensar as ações e práticas urbanas e a nossas relações com a imagem e o espaço em meio a consolidação dos meios digitais. Para Georges Didi-Huberman, as imagens são "movimentos e tempos, irrefreáveis e imprevisíveis" (DIDI-HUBERMAN, 2018, p.163), e para emancipá-las de nossas amarras e deixar as imagens serem o que são, é preciso libertá-las de nossa visão integral, controladora, e do conhecimento absoluto, aceitando o risco de um princípio de "incompletude perpétua quanto à nossa vontade de saber" (DIDI-HUBERMAN, 2018, p.163). Para o sujeito que observa as imagens, é preciso construir uma posição, e observá-la mediante uma determinada variação, e não de uma imobilidade, numa dialética "infinita, intangível, irreconciliável". Neste sentido, é necessária a observação e o tempo, em certa medida, reduzir a velocidade, assim como a figura do homem lento descrito por Milton Santos. Para ele, são aqueles que detêm a capacidade de imaginar, aqueles que podem ver a cidade. A força é dos lentos. Os que detêm

velocidade, quem tem mobilidade e pode percorrê-la e esquadrihá-la acaba por ver muito pouco da Cidade. Somente os homens lentos são capazes de fabular.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformação da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011.
- BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Produção: Emilie Lesclaux, Saïd Ben Saïd et Michel Merkt. Brasil e França: Vitrine Filmes, 2019.
- BEIGUELMAN, Giselle. Políticas da Imagem Vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- CRARY, Jonathan. 24/7: Capitalismo Tardio e os fins do sono. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- HUBERMAN, Didi. Olhos Livres da História. Revista Icone, v.16, n.2, 2018. Recife, p.161-172.
- MOROZOV, Evgeny. Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- SANTOS, Milton. Os Migrantes no lugar: da memória à Descoberta. In A natureza do Espaço. São Paulo: Edusp, 2017.
- _____. Técnica Espaço Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Edusp, 1994.
- WILLIAMS, Raymond. Palavras -chave. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ZUBOFF, Shoshana. A era do Capitalismo de Vigilância. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.